

herdeira secreta

trilogia as herdeiras do duque – livro três
madeline hunter

Tradução de Nanci Marcelino

Para os meus netos

CAPÍTULO UM



Há homens que nascem para o dever. A outros, o dever é-lhes imposto. Nicholas Radnor, o duque de Hollinburgh, fazia parte deste último grupo. O tio que o antecederia no título era jovem o suficiente quando morrera para ainda lhe ter sido possível ter um segundo casamento, e, assim, um filho herdeiro. Na opinião de Nicholas, o tio Frederick não ter tido o cuidado de tratar da sua sucessão de forma atempada foi uma negligência ao mais alto nível.

Há um ano nunca teria pensado no assunto como sendo tão grave, mas tornar-se duque acarreta novos pontos de vista. A sua própria visão das coisas mudara de forma considerável nos últimos meses. Já não lamentava a falta daqueles dias sem preocupações de um passado tão recente. A ambivalência que sentia em relação ao título também já fora apaziguada. O caminho que se colocava perante ele, tão obscuro há uns meros meses, resplandecia agora, pronunciado por marcos que o aguardavam.

Refletiu sobre um desses marcos enquanto lia a correspondência numa bela manhã de finais de abril. Guardara as cartas que tinha agora à sua frente para depois do pequeno-almoço, já que o conteúdo destas não teria proporcionado uma boa digestão. Duas cartas, duas mãos graciosas, duas parentes femininas. As cartas continham conselhos privados no que dizia respeito a jovens mulheres que estas parentes achavam ser adequadas para noivas.

Nunca anunciara estar à procura de mulher para se casar, mas qualquer duque com a idade dele estaria. Era uma prioridade na lista de deveres ducais e, depois de uma longa e nostálgica análise dos anos que passara em jogos a dinheiro e a seduzir, incluíra-a nos assuntos a tratar para a época que se avizinhava. Deu uma vista de olhos numa das cartas. Propunha uma jovem senhora descrita como comedida e reservada. Há não muito tempo, estas duas palavras teriam feito com que Nicholas fugisse a sete pés, mas o dever chamava. Estas duas qualidades eram admiráveis numa futura duquesa, até mesmo se fosse garantido que o marido morreria de aborrecimento. Pensou se reservada indicava o modo como se apresentava em público e como se vestia, ou se seria reservada na cama.

— Vossa Graça, já aqui tenho aqueles registos da contabilidade prontos.

Ergueu o olhar para o sítio onde o senhor Withers, o mordomo dele, estava a gesticular com um molho de papéis na mão junto à porta. Aquela papelada deixava Nicholas ainda mais desanimado do que a ideia de uma mulher reservada na cama.

Dever, dever.

— Volte daqui a uma hora e poderemos avaliar a desgraça.

Withers tentou dar-lhe um sorriso animador.

— Não é assim tão mau quanto pensámos, mas a contabilidade da fábrica têxtil ainda está incompleta.

Não tão mau, mas ainda mau, e aquela maldita fábrica tornara-se um enorme aborrecimento.

— Uma hora, Withers.

Withers fechou a porta depois de se retirar do quarto. Nicholas ainda mal se dera ao luxo de dar início a uma hora a sonhar acordado quando a porta voltou a abrir-se e o primo Chase entrou de rompante.

— Mandaste chamar-me? — Os olhos azuis de Chase aparentavam um ar frio, como ficavam quando estava chateado.

— Pedi-te para passares por cá quando tivesses tempo.

— Os barões fazem um convite. Os duques mandam chamar.

— Que disparate!

— Pronto. Já que não é nenhuma urgência, volto quando me apetecer. — Chase deu meia-volta para ir embora.

— Bem, já que decidiste passar por cá...

— Vim responder a uma convocatória.

— Chama-lhe o que quiseres. O que interessa é que vieste e quero mesmo falar contigo sobre uma coisa.

— A tua futura noiva?

— Ai, por amor de...

— As tias não falam de outra coisa. Ficam lá sentadas no camarote delas...

— No *meu* camarote.

— Ficam lá sentadas e passam o espetáculo todo a examinar as raparigas, a contarem bisbilhotices sobre elas, a fazerem listas de possibilidades. Já lhes disse para pararem com isso, mas elas dizem que lhes pediste a opinião delas.

— Não pedi.

— Então deves ter deixado de as repreender por interferirem e devem achar que isso significa que estás de acordo.

Fora quase isso que acontecera.

— Elas ouvem coisas que tu e eu nunca ouviríamos.

Chase suspirou.

— Por favor, não me peças para ir investigar nenhuma rapariga. Tenho os meus critérios.

Chase era o primo mais próximo de Nicholas e a quem ele pediria conselhos acerca de alguma rapariga quando chegasse o dia. Quanto a investigações, Chase criara uma carreira para si mesmo a fazer sondagens discretas.

— Não. Embora não seja má ideia, quando chegar a hora. Quero falar contigo sobre a morte do tio. Acho que está na altura de voltar a falar sobre isso.

Chase ficou com uma expressão séria.

— Tens a certeza de que queres fazer isso? Pensa bem. Se foi como suspeitamos, é provável que o culpado esteja entre nós. Não o Kevin, mas outra pessoa.

— Ando a pensar bem há demasiado tempo. A tua investigação depois da morte dele já ia bastante avançada quando a parámos. Acho que devias desempoeirar aquelas tuas listas e anotações. Se há um assassino entre nós, quero saber.

— E o que acontece assim que ficares a saber?

Nicholas endireitou as costas.

— Depois decido.

— Não vai ser nada bom para a família de um duque se um dos membros for condenado à força, primo.

Isso fora parte do problema desde o início. A justiça devia ser cega às linhagens, mas não era. O provável era que um juiz evitasse um enforcamento, se um conjunto de jurados considerasse um dos seus outros primos culpado de homicídio. O que também não era provável acontecer, já que, em parte, os jurados também se curvavam perante os privilégios ducais.

— Fora a questão dos julgamentos e das punições, tenho de saber — retorquiu Nicholas. — Tu não?

Chase hesitou antes de responder.

— Claro. Se realmente foi alguém, talvez seja algum sócio desconhecido.

Era simpático da parte de Chase deixar a questão da causa da morte em aberto, mas ambos acreditavam que o tio nem caíra acidentalmente do passadiço daquele telhado há catorze meses, como se lia no relatório oficial, nem se atirara para a morte, como afirmavam alguns rumores. Ele fora empurrado.

Chase caminhou de lado até à secretária e parou. O seu olhar fixo iluminou-se e dirigiu um sorriso malicioso a Nicholas. Depois pegou no jornal pousado na secretária.

— Andas a instruir-te acerca das exigências dos radicais?

— Eu leio muitos jornais. O tio Frederick tinha subscrição desse. Não a cancelei.

— E andas a lê-lo.

— Tenho de saber o que se diz e pensa, mesmo entre esses elementos com quem posso não concordar. É assim que se faz, quando um membro do parlamento é responsável.

Chase sorriu com um ar compreensivo.

— Ninguém espera que sejas ele.

— Espero que não. Não sou excêntrico o suficiente, nem de longe nem de perto.

— Não estava a falar do tio Frederick.

Não, estava a falar do pai de Nicholas. O verdadeiro herdeiro. A quem deveria pertencer o título agora. O que se preparara para isso, ao passo que Nicholas desfrutara da vida como homem de sociedade. Veio-lhe à mente uma imagem da última vez em que viu o pai. Detestava que a imagem que a memória dele lhe apresentava fosse sempre a última.

Fez de conta que Chase não abordara aquele assunto.

— Falaste de sócios de negócios. Também quero que examines várias

das parcerias com que o tio me sobrecarregou. Acho que os meus parceiros em duas delas são... — Nicholas estava prestes a expressar as suspeitas que tinha quando a porta do escritório se abriu outra vez. Powell, o mordomo, entrou com uma salva de prata na mão que continha um cartão. Da sua expressão entusiasmada, Nicholas perguntou-se se seria uma visita do rei.

— Pensei que gostaria de ver a sua visita, Vossa Graça. — Powell estendeu a bandeja.

Nicholas pegou no cartão e leu-o. A chegada do rei não o teria surpreendido mais. Olhou para Chase.

— Ela está aqui. Aqui mesmo. Nesta casa. Agora.

— Para de balbuciar. Quem é que está aqui?

Nicholas passou-lhe o cartão. A expressão de Chase demonstrou choque.

— Iris Barrington. Diabos me levem!

— Andamos à procura dela há mais de um ano e agora, sem mais nem menos, aparece aqui a bater à porta?

— Deve ter ficado a saber do testamento e da herança dela. A que outra porta é que haveria de ir bater?

— Passado um ano? Tivemos de deslindar quem eram as outras duas mulheres que herdaram do tio. É muito suspeito esta chegar aqui assim do nada.

— Demasiado fácil, queres tu dizer.

— Que diabos, sim, demasiado fácil. — Nicholas apalpou o plastrão e verificou o colete.

— Estás com um aspeto absolutamente ducal — disse Chase. — Caramba, esse colarinho está tão engomado que, provavelmente, até dava para cortares ferro com ele. Depois tens de me dizer o que ela disse. — Dirigiu-se à porta. — Espere alguns minutos até descer para a trazer aqui — disse ele ao mordomo, olhando para trás. — Quero olhar muito bem para ela sem que me veja.

Powell ficou ali de pé, com a salva na mão, enquanto Chase desaparecia. Passado um minuto, olhou para Nicholas, em busca de autorização para também se ausentar. Passado outro minuto, Nicholas acenou de acordo com a cabeça.

Iris não tinha qualquer esperança de ser recebida pelo duque, mas valia a pena tentar. Se hoje não fosse bem-sucedida, tinha outros planos para

conseguir uma audiência com ele. Esses exigiriam muito tempo e bastantes subterfúgios, portanto, valia a pena começar com a abordagem direta.

Ter conseguido chegar à sala de visitas deu-lhe ânimo. Com sorte, o duque ficaria, pelo menos, curioso. Se fosse tão bibliófilo quanto o avô, podia ser que o cartão dela lhe chamasse a atenção. Mandara fazer cartões que incluíssem pequenas imagens de livros por baixo do seu nome, de modo que os destinatários percebessem de imediato aquilo por que se interessava.

Também se podia dizer que viera por causa de livros, se tivesse de ir mais longe. Não para os vender, apesar de não se importar de fazer algumas vendas ao duque, ou a qualquer outra pessoa. Afinal de contas, era o que fazia na vida. Como se alimentava e financiava as suas viagens e tudo o resto. A visita a esta enorme casa de cidade, porém, nada tinha que ver com comércio. Era muito mais importante do que isso.

A questão era se encontraria um ser humano neste duque, como encontrara no último, ou um patife aldrabão que nem o avô dele. A forte possibilidade de ser como o último fê-la endireitar a espinha e ganhar coragem.

A porta abriu-se e ela virou-se, na expectativa de ver o mordomo regressar. Em vez disso, um homem de cabelo escuro, bem atraente, enfiou a cabeça na sala. Os seus olhos extraordinariamente azuis passaram por toda a sala e depois pousaram nela. Não conseguiu ignorar o olhar penetrante dele e o modo como a examinou de forma minuciosa.

Não era o duque, tinha a certeza. Um duque não cumprimentava os visitantes assim. Devia ser outra pessoa, alguém que se interessava pelos visitantes de Sua Graça. Talvez um assistente, embora não tivesse aspeto disso.

Ele pediu desculpa pela intromissão. A cabeça dele desapareceu. A porta fechou-se.

Que estranho!

Passados alguns minutos, o mordomo, de facto, regressou. Pediu-lhe que o seguisse. Como não desceram as escadas, percebeu que, afinal, sempre seria recebida. O entusiasmo foi aumentando a cada passo dado.

O mordomo acompanhou-a até um escritório espaçoso. Fora decorado com uma profusão de chinesices, com urnas grandes e mobília extremamente esculpida. Só a secretária tinha um aspeto normal para um duque. Larga e profunda, a sua superfície conseguia suportar vários jornais e livros, o que neste momento não fazia. Nela estavam pousados

muito poucos artigos. Um tinteiro, uma caneta, um jornal, duas cartas e uma estranha caixinha entrançada. A secretária dava a impressão de ainda ninguém se ter mudado para aquele espaço ou de alguém tão asseado que não permitia que nenhum artigo pessoal conspurcasse a superfície limpa.

O homem que estava de pé ao lado da secretária era muito mais interessante. Apercebeu-se de que o outro, o que surgira qual intruso na sala de visitas, era um parente deste. Os dois eram parecidos o suficiente e ambos faziam lembrar o último duque. Com cabelos escuros, e este também tinha os olhos escuros. O duque atual era um homem muito atraente, com feições regulares e o tipo de compostura que as mulheres não conseguem ignorar. Vestido de forma tão impecável quanto seria de esperar, com um plastrão e colarinho deslumbrantes e uma indumentária escura, apresentava uma torre de retidão e, temeu ela, monotonia. Era mais alto do que o normal, pelo menos uma cabeça acima dela própria, e o modo como a cumprimentou conteve toda a formalidade esperada de uma pessoa importante que concordara em aceitar a visita de uma absoluta estranha.

Imaginou que deveria ter, no máximo, três minutos para captar a atenção dele, antes que ele mandasse que a pusessem na rua com toda a educação. Fez uma vénia, depois endireitou-se e olhou-o diretamente nos olhos.

— Chamo-me Iris Barrington e vim pedir-lhe, não, vim exigir que cumpra uma promessa que o seu tio me fez.

No início não obteve qualquer reação. Só uma longa ponderação. Por um instante, ele fê-la lembrar-se do conde d'Ilio, um amigo cuja discrição conseguia ser intrigante e misteriosa ou irritante e aborrecida. Tudo dependia do estado de espírito dela. Tinha tendência para atrair homens assim. Gostavam da falta de reserva dela, experienciando assim, por interposta pessoa, uma vida animada através dela.

Este homem em particular não se encaixava verdadeiramente nesse molde. Para começar, duvidava de que ele fosse assim tão reservado numa situação normal. O duque nele até poderia ser, mas o homem propriamente dito talvez não fosse. O que a fazia pensar assim eram as centelhas nos olhos dele. O duque estava a tirar-lhe as medidas, mas o homem gostava do que via.

Que interessante! Talvez devesse adotar uma tática diferente.

Emitiu-lhe o sorriso mais animado que conseguia e aproximou-se alguns passos, de modo que o aroma caro que emanava flutuasse até ele.

— Perdoai-me. Não tinha qualquer intenção de ser insolente e dizer aquilo assim de repente. No entanto, estou em desvantagem. Estou grata por me terdes recebido. Foi muito gentil da vossa parte.

— Podíeis ter escrito primeiro.

— Supus que a minha carta nunca passaria das mãos da vossa secretária. Não tenho referências algumas. Não tenho família aqui. Não sou uma requerente comum.

Formou-se um ligeiro sorriso. Ele apontou para um canapé e uma poltrona junto à parede oposta.

— Talvez seja melhor sentar-se e explicar essa promessa que reivindica que o meu tio lhe fez.

Ela sentou-se, deixando espaço suficiente para o duque se sentar ao lado dela. Coisa que ele não fez. De nada lhe valeriam algumas artimanhas femininas para obter o que pretendia.

— Dizeis «reivindica». Provavelmente deveis ter tido uma longa fila de pessoas que vos abordaram e disseram que o falecido duque lhes prometeu isto e aquilo — disse ela.

— Um número considerável.

— Eram todas mentirosas?

Ele sorriu. Deus do céu!, que sorriso bonito também. Do tipo que conseguia aquecer uma mulher bem até lá abaixo...

— Uma grande parte era — retorquiu.

— Não estou a mentir. Encontrei-me com o vosso tio não muito tempo antes de ele falecer. Prometeu que me ajudaria a encontrar algo que penso que lhe pertencia. Um manuscrito. Um manuscrito excepcional do início de 1400. Um livro de salmos, repleto de iluminuras magníficas. Ouvi dizer que foi comprado pelo pai dele, vosso avô, e queria saber se continuava na biblioteca ducal.

A curiosidade juntou-se ao olhar de apreciação masculina nos olhos dele.

— Porque haveria de querer saber se ainda está na biblioteca?

— Tenho um comprador para ele. Vale uma pequena fortuna. É que eu comercializo livros e manuscritos raros. Numa venda deste género, eu agiria como intermediária. — Mentiras, em grande parte. Não serviria de nada explicar o verdadeiro motivo por que queria encontrar aquele manuscrito. Assim é que ele jamais a ajudaria.

— Ele disse-lhe que a biblioteca do pai dele foi dividida quando ele morreu? Cada filho recebeu uma parte.

— De facto, disse-me e prometeu-me que procuraria saber que filho recebera o livro de salmos. Quando fiquei a saber que ele falecera, já não recebia notícias dele há muito tempo, mas nunca supus que fosse por isso. Pensei que talvez não o tivesse encontrado, ou que tivesse mudado de ideias, ou que as cartas dele ainda não tivessem tido tempo de chegar às minhas mãos. Foi então que me apercebi de que talvez não tivesse tido tempo de tratar disto por mim.

Mais curiosidade. Demasiada.

— Quando é que teve essa reunião com ele, quando é que lhe perguntou pelo livro de salmos?

— Em fevereiro, ou início de março. Não me lembro do dia ao certo.

— Foi aqui em Londres?

— Ele escreveu-me e disse-me para vir à propriedade dele no Sussex. Melton Park.

O duque pareceu refletir sobre isso. Levantou-se, foi até uma das janelas e contemplou o exterior. Depois, olhou para trás, sobre o ombro, e examinou-a do chapéu aos sapatos.

— Este é o único motivo para a sua visita de hoje, menina Barrington? Há mais algum assunto sobre o qual queira falar comigo?

A mente dela, que começara a divagar com devaneios impróprios enquanto observava a silhueta alta e esguia dele àquela janela, apressou-se a concentrar-se e a tentar descobrir o que mais deveria querer da parte dele.

— Não há mais nada — acabou por responder, de forma parva.

Ele voltou a olhar para lá da janela.

— Esta casa tem um jardim enorme. Está um dia agradável. Gostaria de dar uma volta comigo? Por acaso, quero falar sobre outra coisa que nada tem que ver com livros antigos.

Já que ele se dera ao trabalho de a receber, ela dificilmente poderia recusar. No entanto, enquanto ele a escoltava para o exterior e até ao jardim, passou-lhe pela cabeça que este poderia ser um homem bastante decidido e que estava prestes a ouvir uma proposta que, de facto, nada tinha que ver com livros antigos.

— Onde é que vive? — perguntou Nicholas depois de terem percorrido cerca de cinco metros ao longo de um caminho no jardim. Tentou fazer com que soasse como uma mera curiosidade, mas suspeitou de que

tivesse soado mais como um interrogatório. Admitiu que a brusquidão se deveu bastante ao facto de ter obrigado a sua mente a ter uma conversa em vez de se entreter com as especulações eróticas para as quais queria desviar-se desde que esta mulher entrara no seu escritório. Desejar uma mulher de forma tão imediata, tão profunda, tão específica... passara muito tempo desde que sentira esse tipo de atração e era tudo o que podia fazer para não se transformar no maior devasso de Londres.

— Passo a maior parte do meu tempo no continente. Fui criada lá, e é claro que podemos encontrar as melhores bibliotecas no seio da aristocracia daqueles países. Quanto a um sítio a que possa chamar casa, tenho família em Florença. Mas viajo com frequência.

— Costuma vir a Inglaterra muitas vezes?

— Não muitas. Talvez uma vez por ano. As minhas viagens levam-me para outras capitais.

— À procura de livros antigos?

— É a minha profissão.

O passeio sem pressas levou-os bem para o interior do jardim, perto do muro que o rodeava. Eram poucas as casas em Londres que tinham terrenos assim. A parte norte era uma vastidão, ainda mais rara. Situada como estava na extremidade superior de Park Lane e do outro lado do parque, constituía um pedacinho de campo numa pequena cidade a ferver. De todas as propriedades que Nicholas herdara, era esta que preferia.

Ao lado dele, a menina Barrington caminhava de forma resoluta. Continuava com uma expressão passiva, mas os olhos escuros reluziam. Se ele se permitisse ficar a olhar para eles durante muito tempo, eram olhos que podiam ser hipnotizantes. Nessa altura, o brilho transformava-se em estrelas no céu noturno. Isso e o cabelo escuro dela e a pele muito clara davam-lhe um aspeto distinto que era de certo modo estrangeiro. Um gosto por pormenores extravagantes no vestuário, neste caso um longo xaile veneziano de tons ocres e cinzentos, como os que a maioria das mulheres usava quando ia ao teatro, não para uma visita matinal, chamava ainda mais a atenção para a sua pessoa. E os modos dela: não havia muitas mulheres capazes de fazerem exigências a um duque na primeira visita que lhe faziam.

Era fascinante. Um brilho de sensualidade cobria-a de maneira muito idêntica ao modo como um véu consegue criar traços esbatidos. Emanava dela que nem uma aragem ou uma fragrância. O perfume propriamente dito só amplificava esse efeito.

Soube que a desejava assim que a viu, o que dificultou ainda mais a reunião. Era difícil permanecer à distância quando na realidade só se queria devorar a nossa visita.

— Menina Barrington, tenho de lhe dizer uma coisa. Desconfio de que fará pouco sentido. Se for essa a sua reação, não será a única a reagir dessa maneira. Eu concordaria plenamente.

Sentiu-a ficar tensa ao seu lado. Ela parou de andar e virou-se para ele. A expressão dela demonstrou que afinal não ficaria assim tão surpreendida. Ergueu uma sobancelha, à espera.

— O testamento do meu tio tinha algumas cláusulas invulgares — prosseguiu Nicholas. — Uma grande parte da riqueza pessoal dele foi deixada a pessoas que não são da família, nem amigos, nem criados. Três mulheres desconhecidas da família receberam a maior parte. Iris Barrington é uma dessas mulheres.

Ela pestanejou, excessivamente. Franziu o sobrolho. Depois desatou a rir às gargalhadas.

— Certamente está a brincar. Deve ser uma brincadeira estranha só sua.

— De todo. Andamos à sua procura há meses. Aqui em Inglaterra e há já algum tempo no continente. Talvez todas essas suas viagens nos tenham impedido de a encontrar.

Ela dirigiu-lhe um sorriso rasgado com uma boca voluptuosa.

— E era isso que queria dizer-me? Foi esse o motivo para este passeio pelo jardim?

— Sim. — Meteu a mão no bolso do colete e tirou um cartão de lá. — Este é o nome do procurador da família. Também é o executor testamentário. Recomendo que vá falar com ele o quanto antes.

Ela pegou no cartão e ficou a olhar para ele. Depois voltou a rir-se.

— Bem, diabos me levem! — Ergueu o olhar para os olhos dele. Aquele brilho estrelado começou a fazer-lhe sinal para se juntar a ela no céu noturno. — Pensei que me tinha trazido aqui para me fazer uma proposta indecente.

Ele também se riu, como se tal ideia fosse ridícula.

Dirigiram-se de volta para a casa. É claro que ele tinha de saber.

— Isso acontece muitas vezes? Fazerem-lhe propostas indecentes? — indagou com um tom descontraído.

Ela não tirou os olhos do cartão.

— Constantemente. Uma mulher sozinha... bem, consegue imaginar. Mas nunca fui, nem nunca serei, concubina de homem algum. Sigo o

meu próprio caminho. Ser-se sustentada dessa maneira acarreta obrigações que me recuso a aceitar.

— É compreensível.

Ela virou para o portão da frente do jardim, mostrando que pretendia sair por ali. Junto ao portão, parou e virou-se para ele. Tinha um sorriso matreiro no rosto, mas uma expressão neutra.

— Por outro lado, se me agradarem, não me oponho a ter namorados. Isso é diferente.

Muito diferente. Ele reagiu como se tivesse sido uma espécie de convite, mas também estava ciente de que poderia ser somente uma provocação.

Aquela aparência sensual pareceu cobri-lo. Se ela não se fosse embora de imediato, em poucos instantes estaria totalmente excitado.

— Tenho de lhe perguntar uma coisa — disse ela. — As promessas de um duque morrem com ele?

— As importantes, não.

— Gostava mesmo muito de encontrar aquele livro de salmos.

Caramba, dar-lhe-ia tudo agora mesmo, se ela quisesse.

— Vou ver o que consigo descobrir. Vou começar pela biblioteca aqui de casa. Como é que o reconheço?

— Se abrires um livro e virdes que é um manuscrito cheio de iluminuras coloridas em velino a representarem os salmos, provavelmente é esse.

E, depois, foi embora, portão fora, com o xaile a balançar a cada passo dado.

CAPÍTULO DOIS



— O Walter vai ter um ataque de fúria — disse Kevin enquanto fazia girar o vinho do Porto no copo. — Já gastou o dinheiro que esperava herdar quando a terceira herdeira misteriosa não fosse encontrada. Ele e a Felicity foram a Paris e ela comprou lá todo o guarda-roupa para a temporada. A Rosamund diz que só os chapéus custam uma fortuna.

Nicholas e os primos Kevin e Chase estavam sentados na biblioteca da residência Whiteford House. Tinham-se reunido para falar sobre a descoberta inesperada de Iris Barrington.

— Nenhum deles vai ficar contente, já que a herança significativa dela teria sido dividida entre todos nós. Tranca a porta, Nicholas. Até amanhã de manhã, já toda a gente ficará a saber, e vão aparecer aqui todos, a queixar-se e a pedinchar — disse Chase.

As disposições do tio deles não tinham caído bem às duas tias e aos muitos primos. Muito pouco fora dado a qualquer um deles, incluindo a Nicholas, que, enquanto novo duque, recebera muitos terrenos e casas, mas quase nada que ajudasse à manutenção destes. Porém, recordava a si mesmo constantemente de que a diferença era que ele não esperara nada, ao passo que Walter e os outros tinham esperado bastante e tinham vivido em conformidade com isso. Quando foram encontradas duas das três herdeiras, as esperanças diminuíram, mas não se esgotaram. A triste verdade era que muita gente estava à espera de que Iris Barrington estivesse morta.

Chase, não, nem Kevin. Cada um deles teve o bom senso de se apaixonar por uma das herdeiras. Seguiram-se casamentos, que fizeram com que não dessem importância a esta situação mais recente.

— O Sanders vai investigar para garantir que ela é quem diz ser — acrescentou Chase.

— Ela parecia não saber nada sobre a herança — disse Nicholas.

— Acreditaste nisso?

Acreditava? Assim que se distanciou da influência dos olhos e dos sorrisos dela, teve de admitir que toda aquela visita fora estranha. Ter aparecido à porta dele passados todos aqueles meses... exigia uma explicação além do desejo dela de vender um dos alegados elementos do acervo da biblioteca do avô dele.

— Se ela quisesse reclamar a herança, não tinha de vir ter comigo — disse ele, a pensar em voz alta. — Podia simplesmente ter ido ter com o Sanders. Enquanto executor, é a ele que ela tem de provar a identidade dela.

— Tenho a certeza de que as nossas tias vão dar o seu melhor para fazer com que ela não seja a pessoa referida no testamento — disse Kevin. — Afinal de contas, haver mais uma herdeira que é comerciante... vão achar que o único objetivo do tio era humilhá-las perante a sociedade.

— Já que falas nisso, acho que a menina Barrington vai gostar dos chapéus da Rosamund. O dela tinha um estilo parecido. Só um bocadinho dramático. Condizia com o vestuário dela na perfeição e deu para a imaginar a frequentar a loja da Rosamund.

Os dois primos ficaram a olhar para ele.

— Só estou a dizer que...

— Que estavas a reparar no chapéu e no vestuário — disse Kevin. — Dadas as circunstâncias, talvez tivesse sido preferível reparares na personalidade dela.

— Duvido de que tenha escapado alguma coisa ao Nicholas acerca da menina Barrington — retorquiu Chase. — Só tive um vislumbre, mas havia muito com que ocuparmos a nossa atenção. Não havia, Nicholas?

— Era meu dever prestar atenção. Ela é a possível herdeira de uma grande fortuna que, de outro modo, ficaria na família.

— Certo. Certo. No entanto... — Chase ergueu as sobrancelhas.

Kevin olhou de relance de Chase para Nicholas.

— O que foi? Estás a esconder-me alguma coisa.

— Não há nada para esconder — retorquiu Nicholas. — Eu descrevi a reunião.

— Não contaste alguns pormenores importantes — disse Chase. — Por exemplo, não a descreveste a *ela*. — Virou-se para Kevin. — Tem um aspeto muito distintivo. Olhos escuros, cabelo escuro. Um aspeto um pouco estrangeiro. Eu diria que é... vívida.

— Uma palavra estranha — disse Kevin.

— Quando a conheceres, vais perceber o que quero dizer. É encantadora. Não concordas, Nicholas?

— Suponho que é de certo modo encantadora.

— *Suponho que é de certo modo encantadora* — Chase imitou o tom de voz ducal.

— Quando conheci a Rosamund, foi como se tivesse sido atingido por um relâmpago — disse Kevin. — Espero que não te tenha acontecido nada do género. Nem sequer temos a certeza de quem ela é.

— Não houve relâmpago nenhum. Nem nada. Tivemos uma conversa civilizada. Mais nada.

— Graças a Deus! Caso contrário, as tias vão fazer uma conspiração caso ela seja de alguma forma aceitável.

— As tias não vão considerá-la aceitável de maneira nenhuma. — Só de pensar na reação daquelas tias, se alguma vez conhecessem a mulher que dizia ser Iris Barrington, fê-lo sorrir. — Ela é demasiado dramática em termos de aparência... perdão, vívida, e é claramente uma mulher do mundo.

Apanhou Kevin e Chase a trocar uns olhares eloquentes. Desafiou-os com um olhar fixo. Ambos voltaram a bebericar o vinho do Porto. Fez o mesmo. Enquanto a conversa ia mudando para outros assuntos, metade da sua mente pensava na mulher vívida em causa.

Talvez devesse descobrir quando é que ela se encontrara com o tio Frederick. Havia relatos de uma reunião no jardim com uma mulher no dia em que ele morrera. Tinha mesmo de saber se fora com Iris Barrington. E apesar de se sentir arrebatado quando pensava nela, não podia esquecer que só tinham a palavra dela quanto a não saber nada sobre a herança. Que diabos!, tanto quanto sabia, ela até podia estar ciente da herança desde que o testamento fora escrito.

Iris saiu desorientada do escritório do senhor Sanders. A última meia hora fora surpreendente. Por algum motivo, o último duque não só lhe deixara uma herança, como deixara uma bem grande. Enorme. Entrara

no escritório daquele procurador como uma mulher que ganhava a vida a mediar e vender livros raros. Saía de lá uma mulher rica.

Certamente que fora cometido algum erro. Não ousava acreditar que isto era real, porque depois a desilusão seria ainda maior se tudo desaparecesse. Por agora, interrogava-se se acordaria de um sonho, se alguém lhe desse um toque com o cotovelo.

Ao que parecia, teria de ficar em Londres durante algum tempo, enquanto o simpático senhor Sanders fazia averiguações para se certificar de que ela era de facto Iris Barrington. Para isso, indicou-lhe o advogado em Florença que fora o executor testamentário dos bens do pai e do avô dela e deu-lhe a morada da casa da família, onde vivera com todos eles e a sua mãe até que, um por um, todos faleceram e a deixaram sozinha. Também explicara a decisão peculiar do pai de usar o nome de solteira da mãe dele, Corelli, em vez do seu nome legal, Barrington.

Disse ao taxista para a levar ao Museu Britânico, onde saiu da rua. Parou para observar a fachada da frente da Montagu House, que albergava o museu. Num dos lados começava a surgir alguma construção nova. O museu estava a ser aumentado.

Havia a tendência de livrarias se aglomerarem à sombra de museus. Começou a caminhar, à procura de um quarto para arrendar durante algum tempo.

O passeio levou-a até Gilbert Street, onde encontrou exatamente o que queria. Uma pequena livraria tinha uma placa na janela a indicar um apartamento para arrendar por cima. O aspeto agradou-lhe, imenso. Fazia-a lembrar-se da sua casa em Florença, com as suas janelinhas onde eram expostos alguns livros e um andar por cima onde o proprietário viveria.

A sua mente encheu-se de memórias enquanto a nostalgia lhe apertava o coração. Imaginou transpor a porta e encontrar lá um homem de idade, de cabelo branco, mas ainda atraente, sentado numa poltrona confortável com uma pilha de livros ao lado e um livro aberto ao colo. Ao seu lado viu uma rapariga numa cadeira de madeira, debruçada sobre o braço almofadado da poltrona e com a cabeça pousada no ombro dele enquanto ele lia para ela. O odor dele, tão distinto, uma mistura de couro e vinho e menta, voltou a tornar-se realidade. Fechou os olhos e saboreou as memórias, depois abriu-os e dirigiu-se à porta.

Entrou na loja e inspirou os aromas familiares a livros antigos e papel, a pó e um toque de mofo.

Uma mulher emergiu de entre as prateleiras. Ruiva e muito pálida, tinha um rosto redondo e afável e uma silhueta de peito grande. Parecia não ter uma idade precisa, uma mulher que deixara a juventude para trás, mas que ainda não era mãe de família. A mulher cumprimentou-a com uma voz ornamentada pela melodia cadenciada da Escócia. Trinta, calculou Iris. Alguns anos mais velha do que a própria Iris.

— Está à procura de um livro prático ou divertido?

— Sempre divertido — respondeu Iris. — Tem aqui uma bela livraria. — Fitou uma pilha de livros perto da porta com uma variedade heterogénea de encadernações. Uma análise rápida fê-la perceber que esta loja era especializada em livros antigos. Via-se muito poucas publicações recentes, embora estas tivessem um lugar de destaque numa bonita estantezinha de exposição.

— Não será por muito tempo — respondeu a mulher. — Era do meu tio e pensei dar-lhe continuidade, mas percebi que fazia melhor em vendê-la e ir viver para o campo. Esta cidade não me apraz.

— É uma pena. Esperava ver os aposentos para arrendar, mas se vai vender pode não ser sensato. Os novos proprietários podem preferir usar o espaço de outra forma.

— De que outra forma? Lá em cima há uma casinha. Só um tolo expulsaria alguém que pague a tempo e horas. Venha comigo e mostro-lhe. Fica nas traseiras e tem vista sobre um jardimzinho. São os melhores aposentos lá em cima.

Visto que a mulher já ia a meio das escadas, Iris seguiu-a.

— Eu moro aqui. — A mulher apontou para uma porta à direita no patamar das escadas. — Este é o apartamento que está disponível. — Abriu a porta e chegou-se para o lado.

Iris entrou e caminhou pela sala de estar. Pouco mobilada, tinha tetos altos e parecia estar bem conservada. Numa parede havia duas janelas de tamanho razoável que davam para o jardim. Uma porta levou-a até um quarto de dormir com janelas e vista idênticas.

— O colchão é novo — disse a mulher. — Se quiser adicionar alguma mobília, há uma loja boa na rua ao lado. Faz-lhe falta uma mesa e algumas cadeiras.

Iris posicionou-se no centro da sala de estar, imaginando-se aqui numa noite de inverno.

— A lareira funciona bem? Não suporto uma lareira que faça muito fumo.

— Nunca houve problema nenhum com ela. Mantenho-a limpa.

Iris imaginou a mesa que traria e a poltrona acolchoada e confortável para ler.

— Como se chama?

— Bridget MacCallum. O meu tio era o Liam MacCallum. Faleceu faz agora dois anos, mas toda a gente o conhecia nestas ruas.

— Qual é o preço de arrendamento deste apartamento?

— Dez xelins por mês. Treze, se quiser com refeições.

— Como aqui não há cozinha, seria estranho não querer com refeições.

— Está à vontade para usar a cozinha nas traseiras, se preferir cozinhar para si.

Iris passou por Bridget e desceu as escadas.

— Onde é que compra estes livros? — perguntou, enquanto voltavam para a parte da frente da livraria.

— Principalmente em leilões. Prefiro os que são realizados nas casas. Os preços são melhores do que na Christie's e afins.

— Então participa com frequência nos leilões? Os outros livreiros que participam conhecem-na?

— Conhecemo-nos todos muito bem.

Iris virou-se para Bridget à luz da janela da frente.

— Eu também comercializo livros. Livros raros. Eis o que proponho. Pago-lhe oito xelins por mês pelo apartamento e mais dois pelas refeições. E ajudo-a a pagar menos pelos livros em leilão e, se eu quiser comprar alguma coisa, a Bridget ajuda-me a mim a pagar menos. Se ambas formos astutas, talvez não tenha de vender esta loja.

Desconfiada, Bridget observou-a com atenção.

— Isto não inclui nada de ilegal, pois não? A parte de nos ajudarmos uma à outra, quero eu dizer.

— Nada de ilegal. E também não é nada que os outros já não façam, mesmo debaixo do seu nariz. — Olhou de relance para a pilha de livros junto à porta. Esticou o braço e tirou de lá um com uma capa muito bonita e em boas condições. — Devia deixar capas como esta mais visíveis. Há quem não se interesse pelo conteúdo, só pelo couro. Confie em mim, se deixar este aqui em cima, vai vendê-lo em mais ou menos um dia. Agora, o que diz à minha oferta? — Colocou o livro nas mãos de Bridget, que passou o punho pelo livro de couro, limpando-lhe o pó.

— Se estiver disposta a fazer as suas refeições quando eu faço,

parece-me que podemos tentar. Tenho de cuidar da livraria e é a minha prioridade.

— Até posso cozinhar de vez em quando, se quiser.

— Ora bem, isso seria fantástico. Quando se muda para cá?

— Esta noite, se lhe convier. — Abriu a bolsinha e tirou dez xelins lá de dentro. — Aqui tem a renda do primeiro mês. Conto ficar cá pelo menos vários meses. Talvez não venda antes de eu ir embora.

O sol reluziu no cabelo ruivo de Bridget quando acenou que sim com a cabeça. A luz tornou-lhe a pele pálida translúcida e revelou algumas linhas que a envelhecera mais do que Iris imaginara. Talvez trinta e cinco, concluiu.

— É possível. Sou capaz de cá ficar, se puder, e com o apartamento arrendado a si, sou capaz de conseguir ficar por cá durante mais tempo.

Iris abriu a porta e já estava quase na rua depois de se despedir quando parou.

— A venda que faço de livros é privada. Poderei ter de usar os meus aposentos para me reunir com compradores e vendedores. Prometo que não incomodaremos quando cá vierem.

Bridget voltou a olhar para ela com muita atenção.

— Não há motivo para lhe pedir satisfações da sua vida. Especialmente quando vai pagar-me dez xelins por mês e cozinhar de vez em quando.

— Então estamos de acordo. Volto esta noite. Estou ansiosa para viver por cima da sua livraria. Tenho a certeza de que será como estar em casa.

Três dias depois, Iris seguiu Bridget até uma casa em Dover Street. Não olharam, nem falaram, uma para a outra. Quem estivesse a olhar assumiria que nunca se tinham visto uma à outra.

Uma vez lá dentro, Iris foi para a esquerda e Bridget virou à direita. Aproximaram-se das mesas onde estavam os livros a partir de direções opostas e examinaram os volumes à venda. Com um olhar de relance, Iris concluiu que a excursão daquele dia se revelaria muito mais rentável para a sua senhoria do que para si mesma. A coleção de livros à venda continha títulos muito previsíveis, do tipo que qualquer casa respeitável de Londres conteria. As encadernações que lhes conferiam um aspeto consistente também eram dignas de consideração, mas não eram valiosas como algumas conseguiam ser.

Era uma coleção tão típica e adequada que se interrogou porque é

que nenhum dos grandes livreiros simplesmente não a comprara logo toda, com o objetivo de a vender ao proprietário de outra casa que pretendesse preencher as prateleiras da biblioteca. O mais provável era que os herdeiros desta casa e respetivo conteúdo tivessem a esperança de conseguir ganhar mais vendendo aos poucos.

Duvidava de que conseguissem. No final do leilão, os restos seriam, provavelmente, vendidos em conjuntos grandes e a preços reduzidos. Lembraria Bridget disso. Ela adquiria inventário de uma vasta variedade e os conjuntos como os que este leilão provavelmente oferecia poderiam ser-lhe apelativos.

Afastou-se das mesas grandes e caminhou à volta dos limites da sala. Havia mais mesas lá, com uma grande variedade de livros. Estes não eram do tipo que podiam ser reunidos com couro idêntico, mas aquilo a que Bridget chamava livros práticos. Numa das mesas havia livros de culinária, com conselhos de comportamento e até mesmo de economia.

— Está à procura de conselhos de mulheres mais velhas com experiência? — perguntou uma voz junto ao ombro dela. Uma mão forte contornou-a e pegou num livrinho azul. — Talvez este aqui. *Etiqueta Respeitável para Jovens Senhoras*. A mulher do meu primo conhece a autora. Sempre suspeitei de que fosse a minha tia Agnes.

Olhou de esguelha para o homem que estava agora ao seu lado. O olhar contemplativo dela caiu sobre a melhor sobrecasaca extrafina, depois subiu até um plastrão com um nó perfeito e depois ainda mais para cima, para um perfil extremamente atraente. O duque, no mínimo, sobressaía no meio desta multidão. Ficava acima de todas as outras cabeças e toda a sua presença anunciava o seu estatuto e ascendência.

— A vossa tia gosta de escrever?

— De todo, mas adora dar conselhos não solicitados. Seria expectável da parte dela achar que o dever a obrigava a transmitir os pontos de vista dela sobre o comportamento de jovens senhoras.

— Sempre pensei que esses livros fossem escritos por mulheres determinadas a garantir que jovens senhoras teriam o mínimo de diversão possível quanto elas tiveram quando tinham a idade delas.

Permitiu que ele pairasse junto a ela enquanto inalava a fragrância dele. Couro e lã, como seria de esperar, mas subjacente a isso havia uma nota picante subtil. Conferia um pouco de mistério ao cheiro masculino banal. Interrogou-se se o duque teria um lado exótico oculto.

Ela prosseguiu, examinando as mesas laterais com atenção. Ele

acompanhou-a. Do outro lado da sala, conseguiu ver Bridget a reparar no homem agora anexado ao seu lado.

— Não revelastes o vosso interesse por livros quando nos conhecemos — disse ela. — Podíeis ter-me dito que temos algo em comum.

— O interesse por livros não é comum a toda a gente? Não me pareceu digno de nota.

— Homens da vossa espécie interessam-se pela leitura de livros. Não é a mesma coisa que participar em leilões de bibliotecas.

— Fiquei ciente disso e pensei passar por aqui. Há que fazer alguma coisa na parte da tarde.

— Compreendo. Que pretensiosa sou. Pensei que tivésseis vindo à minha procura.

— Porque haveria de o fazer?

Parou de andar e ergueu o olhar para ele.

— Ambos sabemos porquê, mas se quereis fazer de conta que não sabemos, não me importo.

Encontrou livros muito mais interessantes no canto oposto. Ali, no escuro, reunidos como se o leiloeiro soubesse que ninguém os queria, tinham sido empilhados alguns textos em línguas estrangeiras muito antigos. Empurrou os cordões da bolsinha do dinheiro braço acima e começou a mexer em livros pesados, abrindo-os num ápice nas folhas de rosto que indicavam o ano e a cidade da publicação e analisando o conteúdo e as imagens. Entretanto, tentou parecer muito pouco interessada.

Houve alguém que não foi enganado.

— Ah, descobriu os tesouros escondidos.

— Dificilmente serão tesouros, mas têm algum interesse. Parai de lhes tocar. Prefiro que o salão inteiro não repare no que estou a fazer.

— Devo afastar-me?

— Basta não chamar a atenção para nós ao tentar ajudar-me. Pareci aborrecido.

— Consigo fazer isso. — Ele afastou-se e cruzou os braços sobre o peito. Só lhe faltou bufar de aborrecimento. Teria sido muito melhor se se tivesse afastado por completo. Não que ela quisesse que realmente se afastasse. A presença de um homem atraente, especialmente um poderoso, era sempre agradável.

No fundo de um monte, encontrou ouro escondido. Assim que viu a capa, soube que só este livro valia todo o tempo dela. Publicado no início do século XVI, em latim, era uma dissertação sobre perspetiva.

Havia colecionadores que desejavam qualquer livro antigo sobre aquele assunto. Por acaso, Iris tinha um colecionador desses entre o seu grupo de amigos em Lyon.

Verificou o estado o melhor que pôde, enquanto continuava a agir de forma sub-reptícia. Apesar de algumas páginas estarem manchadas, parecia estar em bom estado.

— Esse é bastante impressionante. — O interesse dela atraía o do duque, e ele estava agora outra vez a pairar sobre o ombro dela, provocando um formigueiro na pele dela com a sua proximidade e respiração. — As imagens são gravuras, não são? São muito nítidas e parecem ter traços escuros, não os comuns traços cinzentos.

— Isso significa que foram impressas com placas que já não são muito usadas. É uma impressão antiga.

— Vale alguma coisa?

— Alguma. Pelo menos, quarenta libras. Não é uma fortuna, mas é um montante considerável para um livro destes. — Se tivesse de ser, conseguia viajar durante meio ano só com quarenta libras.

Voltou a inseri-lo no fundo da pilha em que estava e afastou-se. Procurou o título no guia do leilão que obtivera à entrada e fez uma pequena marca ao lado.

— Costuma comprar livros em Inglaterra? — indagou o duque, enquanto continuavam a caminhar.

— Não. Normalmente, vendo livros quando venho em visita. Mas agora parece que vou ficar em Londres durante algum tempo, para que o senhor Sanders possa verificar a minha identidade. Como envolve cartas para Florença e sabe-se lá mais o quê, pode demorar meses até eu receber aquela herança. Podíeis ter-me avisado de que era uma herança bem grande e não as poucas libras que supus que fossem. Quase desmaiei quando o senhor Sanders explicou tudo.

— É grande, não é? Havia três herdeiras, que, em conjunto, ficaram com a esmagadora maioria dos ativos financeiros dele. As outras duas ficaram bem, mas a sua parte é o dobro. — Ele caminhou um pouco de um lado para o outro antes de acrescentar: — Acho que a minha família há de querer conhecê-la.

— Para quê?

— Para ver a quem é que o meu tio deu esse dinheiro todo. Provavelmente, a tia Agnes vai convidá-la para jantar para que todos possam ficar boquiabertos e ser grosseiros.

— Talvez eu recuse.

— Talvez seja sensato.

— Foi uma conversa muito agradável, Vossa Graça, mas acho que vou ficar para o leilão propriamente dito. Primeiro, tenho de ir refrescar-me. Estas coisas podem demorar bastante e ser muito aborrecidas, por isso compreendo se quiserdes ir embora.

— Também vou ficar. Tenho curiosidade em saber como tudo funciona. Vou arranjar umas cadeiras enquanto espero por si.

A praguejar baixinho, dirigiu-se para o *boudoir*. Lá, empoleirou-se num banco para descansar. Um pouco mais tarde, Bridget serviu-se da outra ponta do banco e usou o guia do leilão como abano enquanto outras mulheres entravam e saíam e conversavam ali por perto.

— Está calor ali dentro. Com tantas pessoas, deviam abrir algumas janelas — disse Bridget.

— Imagino que daqui a nada já não haja tanta gente. Muito antes de formarem lotes mistos das sobras. Esses costumam ter um preço razoável. A maioria dos compradores são homens, por isso é provável que os livros práticos acabem nessas caixas do fim.

— Foi por isso que veio? Pelos lotes mistos de livros práticos? — interrogou Bridget.

— Sobretudo. Acha que devo comprar alguns, se conseguir? O que seria um bom preço, o que lhe parece?

— Não mais do que uma libra por caixa, e supondo que cada uma tem pelo menos dez livros.

— Obrigada pelo conselho. Não estou familiarizada com leilões de Londres como este.

O abano voltou a sacudir-se.

— Não viu nada de especial interesse? Eu própria achei-o bastante banal.

— Ah, há alguns artigos que me chamaram a atenção. — Abriu o guia e virou para a página em que estava o estudo sobre perspectiva.

Bridget pegou na sua bolsinha do dinheiro e no guia. Só que foi no guia de Iris que pegou.

— É melhor voltar para conseguir um bom lugar. Foi um prazer conversar consigo.

— E consigo. *Bonne chance!*

Iris aguardou alguns minutos depois de Bridget ter saído e depois seguiu-a, levando o guia de Bridget que continha as suas próprias

anotações. Viu que o duque se sentara na terceira fila da frente. Chamou a atenção dele e dirigiu-se para a parte de trás. Quando encontrou um lugar nas filas de trás, já ele se juntara a ela. Conseguia ver Bridget lá à frente. Era um erro. Bridget tinha de conseguir ver quem mais estava a licitar e outras coisas importantes. Jamais conseguiria, se tudo estivesse a acontecer atrás de si.

— Porque é que quis mudar de lugar? — perguntou o duque enquanto se sentava. As cabeças viraram-se para onde ele estava sentado. Deus do céu! O homem era um risco para os planos dela. Interrogou-se como é que se mandava embora um duque.

— Porque daqui consigo ver tudo — sussurrou. — Já descobri um conluio de três livreiros. — Indicou quem eram esses três e o olhar atento do duque precipitou-se de um para o outro. — Vede. Nenhum deles vai licitar quando um dos outros licitar. Já chegaram a um acordo quanto a qual deles vai ficar com que lote. Só alguém de fora conseguirá tirar-lhes um desses lotes e por bastante dinheiro.

— Isso parece-me muito pouco justo. Até mesmo ilegal.

— Tanto quanto sei, não há lei nenhuma contra não se licitar um livro.

Ergueu a mão quando as escolhas de Bridget foram leiloadas e conseguiu adquirir quatro delas. Depois começou a chegar a miscelânea. Foi nessa altura que algumas pessoas foram embora. A maior parte do conluio saiu. Uma pessoa, não. O homem sentado ao lado dela.

— Olhe! É o livro por que estava interessada — disse ele demasiado alto.

— Pois é.

— Não vai licitar?

— Acho que não.

— Era muito bonito. Seria uma pena perdê-lo por uns meros xelins.

— Pensei melhor.

— Aquela ruiva vai comprá-lo por praticamente nada. Eu próprio gostei muito dele. Vou licitar e... *au!*

— Mantende a mão para baixo — sibilou, enquanto removia o cotovelo das costelas dele.

— Mas aquela mulher...

— *Sim.*

Ele olhou para o cabelo ruivo. Olhou para Iris.

— *Aaah!*

— Sim.

O leiloeiro arrematou o estudo sobre perspectiva por uns meros de-zassete xelins. Iris optou por ir embora nessa altura. O duque seguiu-a pela casa em direção à entrada. Esperou enquanto ela fazia o pagamento e tratava dos preparativos para a entrega dos livros e depois acompanhou-a até à entrada.

— Consegue ser bastante esquiva — disse. — Não me esquecerei disso.

— Não teve que ver com aquele livro em particular. Eu própria poderia tê-lo comprado pelo mesmo preço — explicou. — Não quero que os livreiros fiquem a conhecer-me mais cedo do que o necessário. Se me conhecerem e se se ficar a saber do meu negócio, vão seguir-me para todos os leilões e licitar o que quero, tornando a maioria dos artigos inacessíveis. É do meu interesse evitar o tipo de atenção que provocaria isso.

— Claro, se bem que daqui a vários meses poderá adquirir o livro que quiser por qualquer preço.

Aquele comentário apanhou-a de surpresa.

— Pois poderei, não poderei? Ainda nem sequer tinha pensado nisso. Suponho que uma coisa é o nosso destino mudar, outra é aprendermos a viver com ele. Talvez venha a escrever um daqueles livros práticos e o intitule *Habituar-se a Ser Nouveau Riche*.

Ele riu-se com ela, enquanto atravessavam a entrada principal. Ela gostou de como os cantos dos olhos dele se enrugavam quando se ria. Quando descia até à rua, foi entretida a contemplar isso. Perguntou-se se, com o prazer, a expressão dele ficaria mais rígida ou se se suavizaria e se aquele brilho maroto se aprofundaria.

De repente, algo a agarrou com força pela cintura. Voou, desenhando um enorme círculo com o corpo assim que os pés deixaram de tocar no passeio. Quando a confusão acabou e estava de novo em terra firme, estava nos braços do duque, abraçada contra aquela sobrecasaca extrafina, enquanto o ar era preenchido por gritos.

Olhou na direção para onde as outras pessoas estavam a olhar e viu uma carruagem a descer a rua totalmente desgovernada.

— Está bem? — A voz dele soou ao ouvido dela, profunda e calma. Ergueu o olhar para a expressão preocupada do duque. — Quase se metia à frente daquela carruagem. O cavalo deve-se ter soltado. Não levava cocheiro nem passageiros.

Continuava a abraçá-la bem juntinho a ele, com os rostos a

centímetros de distância. Não queria afastar-se, porque, ao aperceber-se do desastre que quase tivera, sentiu um pavor interior que a deixou a tremer. Se o duque não tivesse estado ao lado dela...

— Foi uma sorte terdes decidido passar tempo num leilão de livros hoje — sussurrou.

— Não foi só por isso que vim — respondeu. — A não ser que prefira fazer de conta que foi só por isso.

Ao fundo da rua, vários homens tinham conseguido parar o cavalo desembestado. O cocheiro passou a correr para recuperar a carruagem, de rosto vermelho devido à preocupação e ao esforço físico. Só então é que Bridget saiu da casa, trazendo uma grande embalagem achatada. Parou e olhou pasmada para Iris.

Iris libertou-se.

— Obrigada. De coração. No entanto, com o cavalo sob controlo, arriscamo-nos a ser o acontecimento mais interessante nesta rua.

Largou-a.

— Tenho de a deixar terminar a sua atividade de hoje com a sua parceira e ir tratar de outro assunto menos fascinante.

Afastou-se enquanto Bridget descia os degraus, abraçada à embalagem.

— Quem era aquele?

— O duque de Hollinburgh.

Bridget riu-se.

— Continue!

— É quem ele é.

Bridget dirigiu-lhe um olhar curioso.

— Continue — sussurrou. — Tem pretendentes que são duques? Porque vive por cima da minha loja?

— Isso, minha cara amiga, é uma longa história.